

# **A FÁBULA E A SALA DE AULA: NOTAS SOBRE A RECUPERAÇÃO DE 42 DIAS DE 2008, PROMOVIDA PELA SEE/SP**

Francisco Diniz Teixeira

Paula Cristiane Ito

## **RESUMO**

Este texto apresentará algumas reflexões acerca da presença da fábula dentro de um Jornal que foi concebido como material didático a ser destinado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio da rede pública paulista. Parte-se da hipótese de que os autores do material distribuído, João Henrique Mateos e José Luís Landeira, desconsideraram a fábula como um texto representante da tradição clássica. Por isso, este texto partirá da análise de como os dois autores se apropriam da fábula e a inserem no material construído por eles. Para tanto, esta análise se apoiará nos trabalhos de Dezotti (1988, 2003), Sossolote (2002) e Duarte (2003) para desnudar a vulgarização da tradição clássica feita por Mateos e Landeira, com base na apropriação indevida dos pressupostos teóricos bakhtinianos.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Fábula; Alegoria; Tradição clássica; Ensino de Língua Portuguesa; Proposta Curricular.

## **ABSTRACT**

This text presents some reflections on the presence of fables on a paper prepared as an educational resource for High School 1<sup>st</sup> year students of public schools in Sao Paulo state. It comes from the hypotheses that the authors of the paper, João Henrique Mateos and José Luís Landeira, haven't considered the fables as a representative text of the classic narrative tradition. Therefore, the present text will analyse how the authors picked the fables' ideas to build their own material. For further explanation, this text will go on the ideas in the works of Dezotti (1988, 2003), Sossolote (2002) and Duarte (2003), to reveal the vulgarization of the classic tradition made by Mateos and Landeira, assuming an inappropriate use of Bakhtin's theory.

## **KEYWORDS**

Fables; Allegory; Classic Tradition; Portuguese Language teaching; Educational Proposal

Este trabalho tem por objetivo tecer algumas considerações sobre a presença da fábula, gênero discursivo legado à literatura ocidental pela tradição clássica, em um material didático confeccionado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e distribuído aos alunos da rede pública em Fevereiro de 2008. Além disso, apresenta-se uma proposta de trabalho alternativa àquela presente no material da Secretaria que trata a fábula de forma coerente, dentro da perspectiva de gêneros textuais, inspirada nos escritos teóricos de Mikhail Bakhtin.

### ***A recuperação de 42 dias proposta pela SEE/SP em 2008***

A Secretaria Estadual da Educação paulista, tendo em vista os baixos índices alcançados pelos alunos da rede pública em provas nacionais como o SAEB, e nas provas que ela mesma gerencia como o SARESP, resolveu tomar uma medida drástica, sob a direção da Secretária Maria Helena de Guimarães Castro, para tentar reverter o baixo desempenho observado nesses exames.

Para solucionar este problema, a Secretaria preparou uma proposta curricular única para toda a rede que deveria ser seguida a partir de fevereiro de 2008 no Estado de São Paulo. Tal proposta contraria o respeito à diversidade cultural e social que está na base dos PCN's. Para iniciar a implantação desta proposta, a Secretaria lançou um projeto de recuperação de conteúdos, centrado nas habilidades de leitura e escrita, enfatizando as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Os professores das disciplinas supracitadas contavam com o apoio pedagógico dos docentes das demais áreas, que tiveram o conteúdo de suas disciplinas reduzido ao trabalho em torno das competências ligadas à leitura, escrita e cálculo. O material apresentado sob a forma de um jornal – visto pela Secretaria como formato mais acessível aos jovens – deveria ser trabalhado integralmente no período de 42 dias.

### ***A fábula como tema de aulas no jornal destinado ao Primeiro ano do Ensino Médio***

Dentre os jornais que foram desenvolvidos para 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental, e 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> anos do Ensino Médio, nos chamou a atenção o jornal

destinado para o trabalho com as salas de 1º ano, pois ele apresentava um grupo de Aulas que trabalhava com a fábula, gênero textual da tradição clássica.

Nesse jornal, a fábula é tema das Aulas 6, 17, 18, 19, 23, 24 e 25 (indiretamente, nas Aulas 7, 15 e 16).

Na Aula 6, temos o seguinte (LANDEIRA et al. 2008, p. 4):

**Quem tem pressa pega o bonde e atravessa...**

Estudar requer tempo. Ninguém aprende tudo de uma hora para outra. Mas como conseguir tempo para estudar? E o que dizer daqueles que vão devagar, que não gostam de fazer nada correndo? Veja o que nos ensina a fábula a seguir:

**A tartaruga e a lebre**

Era uma vez uma tartaruga e uma lebre que resolveram fazer uma aposta sobre quem seria a mais veloz em uma corrida. Marcaram uma data e um local para o encontro. Convocaram todos os animais da floresta para assistir a corrida. A lebre, segura que iria vencer, por causa de sua habilidade natural, resolveu cochilar durante a corrida. A tartaruga, por sua vez, sabendo de suas dificuldades em correr, continuou arduamente sua marcha, procurando alcançar seu objetivo. Quando a lebre acordou, percebeu que a tartaruga era a vencedora. Todos os animais da floresta comemoraram a vitória da tartaruga.

Adaptação da fábula *A tartaruga e a lebre*, de Esopo.

As fábulas caracterizam-se por serem narrativas curtas, situadas em um universo mágico, que recriam a realidade por meio de animais falantes ou outras maravilhosas invenções. São quase sempre críticas, ou seja, pode-se tirar delas uma moral, que aparece clara, no final da história.

1. Que moral podemos extrair da fábula “A tartaruga e a lebre”?

- a) O talentoso com preguiça perde para quem enfrenta a disputa com vontade.
- b) As tartarugas espertas são mais rápidas do que as lebres cansadas.
- c) Quem tem pressa pega o bonde e atravessa.
- d) Toda disputa é sempre uma questão de sorte e acasos.
- e) Nunca confie em quem faz tudo devagar, pois essa pessoa é mal-intencionada.

2. Comentem oralmente as relações entre a fábula e a vida real. Nos comentários, procurem abordar as seguintes questões:

- a) Você conhece algum caso em que as pessoas agiram como os personagens da lebre e da tartaruga?
- b) O que aconteceu?
- c) Um aluno poderia agir assim na escola? Como?

Busque na internet, na biblioteca ou na sala de leitura de sua escola mais informações sobre Esopo. Além dos dados biográficos, investigue de que forma ele serve de influência para os autores da atualidade.

Na aula 7, temos um conto em que a situação é recontada, acrescentando ao texto de Esopo outros personagens e pontos de vista. As atividades propostas não levam em conta a caracterização da fábula enquanto gênero discursivo, mas fazem uma ligeira comparação e valoração subjetiva das preferências dos alunos entre o texto de Esopo apresentado na Aula 6 e o conto da Aula 7.

Na Aula 17, temos novamente outra fábula (LANDEIRA et al. 2008, p. 7):

Leia agora o texto a seguir:

**O leão e o rato**

Um leão estava adormecido na mata, quando viu um rato passeando ao seu redor.

O leão disse:

– Insignificante animal, como ousas passear ao meu redor? Vou matá-lo com uma patada.

O rato disse:

– Não faça isso, porque um dia minha vida pode ser útil para o senhor. O leão achou divertido o comentário do rato e resolveu soltá-lo.

Dias depois, o leão caiu nas redes de um caçador. Novamente, o rato apareceu na mata e, encontrando o leão preso, resolveu roer as cordas da rede, até que o leão fosse libertado.

Adaptação da fábula *O leão e o rato*, de Esopo.

1. Levando em conta que, em alguns textos, os animais representam certas pessoas da sociedade, identifique o tipo de pessoa que seria representada pelo leão.
2. Compare o rato, do texto “O leão e o rato”, com a rata, da tira em quadrinhos.
3. Analise as características próprias da fábula encontradas em “O leão e o rato”.
4. A fábula foi construída a partir de dois tempos diferentes. No primeiro, o rato necessita do leão; no segundo, ocorre o inverso. Transcreva o termo que estabelece a passagem entre esses dois tempos na narrativa.
5. Que moral resume a idéia do texto “O leão e o rato”?
  - a) Quando a sorte muda, os mais fortes têm necessidade dos mais fracos.
  - b) Quem é rato deve ficar escondido de leões valentes.
  - c) Os pequenos devem ser educados para se comportar diante dos mais velhos.
  - d) Ninguém pode mudar o seu destino.
  - e) Algumas pessoas sacrificam a própria liberdade para se vingar dos outros.

Encerrando a Aula 19 (p. 7), há a proposta de produção de um pequeno texto em grupo, comparando as personagens da fábula da Aula 17 com as de uma tira em

quadrinhos usada como base para a Aula 15. Ao final da Aula 25 (p. 8), há outra proposta de produção textual, desta vez em dupla, de uma fábula para ilustrar uma de três morais, oferecidas de antemão, de acordo com a escolha do aluno.

Digna de nota, nos textos adaptados a partir de Esopo, é justamente a ausência de indicação da fonte utilizada para a adaptação destes, e a maneira como essas adaptações são trabalhadas nas atividades propostas pelos autores do material, João Henrique Mateos e José Luís Landeira.

Para os alunos que chegam ao Ensino Médio, a fábula não deve ser um gênero desconhecido, pois eles já deveriam tê-lo conhecido na 5ª ou 6ª série do Ensino Fundamental. Mas ainda assim, os textos aparecem desvinculados nas aulas do Jornal, sem apresentar em momento algum qualquer comentário ou nota sobre a estrutura do texto fabular em suas duas ocorrências (Aulas 6 e 17), ou que os vincule enquanto parte de uma sequência didática.

A ausência de menção à estrutura da fábula é algo estranho em um material de ensino de língua materna pois foge à perspectiva de trabalho com este tipo de texto na concepção de gêneros textuais, de acordo com os pressupostos bakhtinianos presentes no texto e nas orientações dos PCN's.

A fábula adaptada de Esopo, “A tartaruga e a lebre”, encontrada na Aula 6, nos parece uma paráfrase proveniente da tradução de Antônio Carlos Vianna, publicada pela editora gaúcha L&PM (2006, p. 155):

### **A tartaruga e a lebre**

Uma tartaruga e uma lebre discutiam para saber quem era a mais veloz. Por isso, combinaram uma data para uma corrida e um local aonde deveriam chegar. No dia certo, partiram. A lebre, que contava com sua rapidez natural, não se preocupou com a corrida. Caiu à beira de uma estrada e adormeceu. Já a tartaruga, que se sabia quão lenta era, não perdeu tempo e, deixando a lebre dorminhoca para trás, venceu a aposta.

O talentoso com preguiça perde para quem enfrenta a liça.

Que razão embasaria o trabalho com uma paráfrase, feita a partir de uma tradução de Esopo, tendo-se em vista que o objetivo da inserção da fábula, na Aula 6, é

o de lembrar aos alunos da rede a necessidade de estudar disciplinadamente e não no último momento? A mudança de hábito está ligada ao ensinamento moral veiculado por textos deste gênero e se espera do leitor a mudança de comportamento oportuna após uma profunda reflexão.

Adotar uma paráfrase para trabalhar a fábula em sala pode ser visto como um recurso que visa facilitar o acesso ao texto da fábula esópica. Esse tipo de expediente, ainda assim, não parece uma justificativa plausível para o trabalho com este gênero discursivo, pois o auxílio de um dicionário e do próprio docente deveriam ser mais que o suficiente para esclarecer eventuais dúvidas dos discentes em relação ao texto.

Além disso, a moral ao final – característica das fábulas esópicas – está ausente no texto, não para que o aluno formule sua própria moral, mas para que ele identifique qual seria ela dentre as cinco alternativas oferecidas no primeiro exercício. O segundo exercício é ainda mais estranho, pois solicitar que o aluno teça comentários a respeito de situações semelhantes às vivenciadas pelos personagens do texto não parece algo de grande relevância, tendo em vista o objetivo de garantir um aprendizado ligado à leitura e a escrita deste gênero textual.

A maneira como a fábula é recortada e trabalhada mostra uma inadequação didática e metodológica, por parte dos elaboradores do material, pois isso em nada auxilia à apreensão e aquisição de conhecimentos relativos à estrutura fabular. Cremos também que a definição apresentada pelos autores do material não contribua para que o aluno apreenda a fábula enquanto gênero discursivo (LANDEIRA et al. 2008, p. 4.): “As fábulas caracterizam-se por serem narrativas curtas, situadas em um universo mágico, que recriam a realidade por meio de animais falantes ou outras maravilhosas invenções”.

Esta definição, por si só, compromete a aquisição do gênero por parte do aluno, pois se ele for confrontado por uma narrativa curta em que não apareçam animais, mas sim homens, objetos ou vegetais, estará ele diante de uma fábula? E o que seria esse universo mágico em que se situa a narrativa fabular, ou mesmo as “marvilhosas invenções”, aludidas na definição oferecida pelos autores do material didático?

E em relação à segunda parte da definição (LANDEIRA et al. 2008, p.4.) “São quase sempre críticas, ou seja, pode-se tirar delas uma moral, que aparece clara, no final

da história”, que conclusões o discente pode formular a respeito do gênero fabular no que tange a um de seus componentes, o discurso moral?

Como o aluno poderá identificar esta paráfrase apresentada no Jornal como uma fábula, se a moral está deslocada do texto para o primeiro exercício? Isso configura uma descaracterização do texto como representante do gênero discursivo fábula, pois há outras fábulas – e isso pode ser comprovado através da leitura de outros textos pertencentes a este gênero – em que não aparece uma moral explícita. Logo, o recorte da moral para que ela apareça em um exercício de múltipla escolha, não parece angariar nada para a formação intelectual do aluno.

Por fim, a estratégia didática de pesquisa da biografia de Esopo e outros autores influenciados por ele ao longo da tradição, poderia muito bem caber ao professor como parte da preparação de uma aula expositiva sobre a fábula, elaborada de forma diferente da apresentada pelo Jornal.

Quanto à fábula da Aula 17, o texto que originou a paráfrase apresentada no Jornal é na tradução de VIANNA (2006, p. 67):

### **O leão e o rato**

Um rato foi passear sobre um leão adormecido. Quanto este acordou, pegou o rato. Já estava para devorá-lo quando o rato pediu-lhe para deixá-lo ir embora:

– Se me poupare – disse –, te serei útil.

E o leão, achando aquilo engraçado, soltou-o. Tempos depois, o leão foi salvo pelo rato agradecido. Ele fora capturado por caçadores que o amarraram a uma árvore. O rato o ouviu e gemer: foi até lá, roeu as cordas e o libertou. E disse ao leão:

– Naquele dia zombaste de mim porque não esperavas que eu mostrasse minha gratidão; aprende então que entre os ratos também se encontra o reconhecimento.

Quando a sorte muda, os mais fortes têm necessidade dos mais fracos.

A paráfrase deve se justificar, para os autores do material, com base no baixo desempenho que os alunos egressos do Ciclo II demonstraram em provas como o SAEB e o SARESP. Logo, a leitura de uma tradução em português padrão, a partir do original grego, se tornaria fonte de dificuldades. Conclui-se que deva ser esta a motivação responsável pela adaptação dos textos das Aulas 6 e 17 para um tom mais próximo do informal. Deve-se analisar este tipo de escolha didática como voltada apenas para

privilegiar o objetivo de formar alunos com uma competência leitora que se aproxime apenas dos níveis mínimos.

Dentre as atividades da Aula 17, há duas que chamam a atenção. Na terceira, pede-se ao aluno que analise as características próprias da fábula encontradas no texto, sem que tais características sejam descritas nos textos teóricos apresentados anteriormente, visto que a definição generalizante oferecida na Aula 6 não parece fornecer subsídios suficientes para a atividade solicitada. E na quinta, solicita-se aos alunos que identifiquem num exercício de múltipla escolha o enunciado que possa representar a moral da fábula, sem que se tivesse apresentado antes como se estrutura esse tipo de enunciado.

As atividades de produção de texto –Aulas 19 e 25 – nada oferecem que possa ser acrescentado ao trabalho com o texto da fábula, pois se centram na competência que o aluno deve ter do registro escrito e de técnicas da ordem do narrar. Por isso, são necessários alguns esclarecimentos sobre a origem e a estrutura da fábula, assim, recorreremos aos textos de Dezotti (1988) e Sossolote (2002).

### ***Algumas anotações sobre a origem e a estrutura da fábula***

A fábula é um dos tipos de texto legados ao Ocidente pela tradição clássica e que foi cultivado em diversas línguas e épocas. A presença da fábula em outros textos da literatura grega pode ser rastreada em Homero (cf. DEZOTTI, 1988, p. 6) e outros autores como Hesíodo, Heródoto, Aristófanes, Platão e Aristóteles. As fábulas registradas nas obras desses autores têm uma aplicação voltada à determinada situação.

As fábulas atribuídas tradicionalmente à figura do ex-escravo Esopo são na verdade um conjunto de fábulas anônimas (cf. LESKY, 1995, p. 183) que entremeiam um *Romance de Esopo*, situado no século VI. No *Romance de Esopo*, o relato histórico está entremeado por elementos ficcionais.

Além das fábulas esópicas anônimas, a Antigüidade nos legou outros exemplos deste gênero pelas obras de Fedro e Bábrio (em versos), que seguiram os rastros da fábula esópica, mas que também criaram textos novos a partir da própria experiência. Jean de La Fontaine cultivou a fábula versificada em língua francesa no século XVII, retomando Esopo e Pilpay (fabulista indiano do século IV a.C.)

Em língua portuguesa, no século XX, temos os textos, em prosa, de Monteiro Lobato – que parafraseia Esopo – e Millôr Fernandes – que desconstrói a tradição devido à maneira como trabalha a estrutura da fábula para criar anti-fábulas, tal como afirma Fiorin (1986/87).

Os mais antigos críticos que voltaram suas preocupações para a fábula foram Aristóteles (século IV a.C.) e Teon (séculos I ou II d.C.). Enquanto λόγος, Aristóteles (apud DEZOTTI, 1988) ligava a fábula, na *Retórica*, a um dos mecanismos que o orador poderia usar para persuadir o ouvinte sem, no entanto, defini-la, apenas contrapondo um exemplo ilustrativo dela ao de uma parábola. Já Teon (apud DEZOTTI, 1988) definiu a fábula nestes termos: “a fábula é um discurso mentiroso que retrata uma verdade”.

A fábula, na tradição subsequente à fábula esópica, é constituída por três enunciados: o primeiro, **um discurso narrativo**, em que personagens aparecem em diversas situações; o segundo, **um discurso metalingüístico**, em que o fabulista informa a ação que realiza – introduzido por um enunciado do tipo “A fábula mostra que”, uma fórmula mnemônica que pode aparecer também suprimida–; e o terceiro, constituído pela **moral**, nada mais é que uma interpretação dada pelo fabulista para a narrativa. Sendo assim, propõe-se o exame deste texto de Esopo, que aparece em DEZOTTI (2003, p. 40.):

### Os caminheiros e o machado

Dois homens viajavam por uma mesma estrada. Nisso, um deles encontra um machado e o outro diz: “*Nós* encontramos um machado!” Aquele, porém, o exortou a dizer ‘ *você* encontrou’ e não ‘ *nós* encontramos’. Pouco tempo depois, vieram ao encalço deles as pessoas que tinham perdido o machado. Então o homem que estava com ele nas mãos, ao ver-se perseguido, disse para o companheiro de viagem: “*Nós* estamos perdidos!” E o outro retrucou: “Não diga ‘ *nós* estamos’ mas ‘ *eu* estou’, pois quando você encontrou o machado, não quis dividi-lo comigo.”

A fábula mostra que os que não compartilham das situações afortunadas, tampouco nas desgraças são amigos confiáveis.

Analisando a fábula de Esopo transcrita acima, o primeiro parágrafo constitui o **discurso narrativo**, pois nele se observa a presença de personagens – normalmente representantes de tipos comportamentais humanos.

No segundo parágrafo, o enunciado “A fábula mostra que” constitui o **discurso metalingüístico**, pois nele se nota a presença discursiva do fabulista ligando a narrativa apresentada anteriormente à moral que é apresentada no restante, a saber, “os que não compartilham das situações afortunadas, tampouco nas desgraças são amigos confiáveis”. Essa **moral** dada pelo fabulista deve servir para a interpretação da alegoria presente na narrativa.

Tal alegoria presente neste gênero provém da não marcação de espaço e tempo, e pela indeterminação de personagens. Isso torna a fábula um texto que independe, para que sua leitura seja realizada de modo satisfatório, de seu contexto de enunciação original, como afirma SOSSOLOTE (2002, p. 213):

(...) É justamente por causa da não delimitação espaço-temporal e de pessoa na fábula, que se reconhece sempre que a sua leitura é feita sem o intertexto original que possibilitaria recuperar o(s) destinatário(s) real(is) para quem ela foi escrita, que a fábula se mostra como um figura de retórica, que pode ser usada em diferentes contextos, conquanto se saiba identificar as possibilidades de emprego que essa figura oferece.

É justamente a isso que alude Cássia Sossolote que permite ao leitor instaurar no processo de leitura da fábula a construção da **alegoria**. Este recurso permite sempre a atualização e apropriação, por parte do leitor, dos valores postos em discussão pelo fabulista, tanto na narração quanto na moral, independentemente do contexto de enunciação original. Por isso, apresenta-se a seguir uma proposta de trabalho sobre a fábula, abordando-a como gênero textual.

### ***Uma proposta de trabalho sobre fábula***

Um trabalho que leve em conta a fábula enquanto gênero discursivo deve centrar a análise feita nos três aspectos estruturais apresentados acima, que foram desconsiderados por Landeira e Mateos na elaboração do material a ser utilizado pelos alunos da rede pública de ensino em sala, o que parece ser um imenso equívoco.

E, mesmo para a observação da estrutura da fábula como tal, seria melhor que o material de apoio para o docente sugerisse o trabalho com uma antologia de textos representativos do gênero fabular para a análise dessas características, como a apresentada abaixo, montada com base nas traduções de Antônio Carlos Vianna e na coletânea organizada por Maria Celeste Consolin Dezotti:

### **O boiadeiro e Hércules**

Um boiadeiro voltava para a aldeia em seu carro gemente e caiu numa ravina com seus bois e sua gente.

Grande devoto de Héracles, ficou ali parado implorando a seu deus para ajudar seus agregados.

“Inútil”, disse-lhe o deus, “aos céus implorar se com o aguilhão teus bois não ferrear” (ESOPO, 2006, p. 79.).

### **O asno e a carga de sal**

Um asno carregado de sal atravessava um rio. Um passo em falso e ei-lo dentro da água. O sal então derreteu e o asno se levantou mais leve. Ficou todo feliz. Um pouco depois, estando carregado de esponja às margens do mesmo rio, pensou que se caísse de novo ficaria mais leve e caiu de propósito nas águas. O que aconteceu? As esponjas ficaram encharcadas e, impossibilitado de se erguer, o asno morreu afogado.

Algumas pessoas são vítimas de suas próprias artimanhas (ESOPO, 2006, p. 132.).

### **O bode a vinha**

A vinha estava brotando novamente. Como um bode estava comendo seus botões, ela disse:

– Por que me fazer mal? Acabou o capim? Lembra-te que sou eu que forneço o vinho no dia de teu sacrifício.

Receberás do outro o tratamento que lhe dás (ESOPO, 2006, p. 158.).

### **O bem e os males**

O bem, vítima de sua fraqueza, foi expulso pelos males. Terminou indo parar no céu.

– Como – perguntou ele a Zeus – devo me comportar com os homens?

– Dirija-se a cada um deles em separado.

Eis porque os males, por permanecerem perto dos homens, os atormentam sem parar, enquanto o bem custa tanto a vir dos céus (ESOPO, 2006, p. 27.).

### **O velho e a morte**

Carregando a madeira que acabara de cortar, um velho ia por uma longa estrada. Cansado, depositou no chão o seu fardo e pediu que a Morte lhe aparecesse. A Morte apareceu:

– Por que me chamaste?

E o velho:

– Para que leves meus fardo.

Por mais difícil que seja a vida, ninguém quer deixá-la (ESOPO, 2006, p. 90.).

### **O estômago e os pés**

O estômago e os pés estavam discutindo para ver quem era mais forte. Como os pés dissessem a todo instante que eram tão superiores em vigor a ponto de carregar até o próprio estômago, este respondeu: “Mas, meus caros, se eu não lhes fornecer alimento, vocês não conseguirão carregar-me!”

Assim, também no que concerne aos exércitos, quase sempre de nada vale um grande contingente se os generais não têm boas idéias (DEZOTTI, 2003, p. 47.)

### As panelas

Uma panela de barro e uma de cobre iam rodando rio abaixo. Então a de barro disse para a de cobre: “Fique nadando bem longe de mim, não chegue perto. Se você esbarrar em mim, eu vou me quebrar, mesmo que o esbarrão seja contra a minha vontade!”

[A fábula mostra] Que vive em desassossego o pobre que mora vizinho de um patrão ladrão (DEZOTTI, 2003, p. 63.).

Com base na leitura de uma antologia como esta, ou de outra da preferência do docente, deveria ser solicitado aos alunos que montassem uma ficha como a apresentada a seguir, identificando as características da fábula presentes nos textos elencados:

|  |
|--|
| Gênero Textual: Fábula                                 |
| Personagens:   |
| Tempo da narrativa:                                    |
| Espaço da narrativa:                                   |
| Tipos de comportamento que as personagens representam: |
| Comportamento Reprovado X Comportamento Elogiado:      |
| Existe uma moral presente no texto?                    |

Esta seqüência didática se configura como uma atividade alternativa àquela proposta pelos autores do material da SEE-SP, pois explora as características do gênero discursivo e oferece um arcabouço teórico mínimo para a formação do aluno enquanto leitor. Os autores do material, Landeira e Mateos, pecam por desconsiderar uma das características fundamentais que diferencia a fábula de outros textos narrativos: a presença da **alegoria**, que serve de alicerce para a construção e a fruição deste gênero discursivo.

À guisa de conclusão, não se pode esquecer que a visão de Landeira e Mateos deva provir de um equívoco enraizado no senso comum, que lê a fábula como um gênero textual de leitura fácil, voltado para moldar o caráter de crianças. Mas é proveitoso, neste momento, lembrar que esse equívoco também pode se originar naquilo que DUARTE (2003, pp. 14-15) afirma serem as ilusões que contaminam a ideologia que orienta os discursos educacionais em nosso país, baseados no “aprender a aprender”:

- Primeira ilusão: o conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, isto é, viemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação, pela informática, pela internet, etc.
- Segunda ilusão: a capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano, ou, como diria Perrenoud, a habilidade de mobilizar conhecimentos, é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje, quando já estariam superadas as teorias pautadas em metanarrativas, isto é, estariam superadas as tentativas de elaboração de grandes sínteses teóricas sobre a história, a sociedade e o ser humano.
- Terceira ilusão: o conhecimento não é apropriação da realidade pelo pensamento, mas sim uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos, nos quais ocorre uma negociação de significados. O que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, isto é, o conhecimento é uma convenção cultural.

Creemos, por fim, que o material elaborado pelos dois autores estivesse imbuído dessas três ilusões apontadas por Duarte. A presença delas permite constatar implicitamente que, na visão da SEE-SP, o profissional docente nada mais é que um mero reprodutor de conhecimentos, algo que o torna dispensável. Esse tipo de discurso implícito é preocupante, pois o trabalho, proposto da forma como os dois autores o apresentaram, além de subestimar a fábula como gênero discursivo, também subestima o professor, desconsiderando-o como produtor de conhecimento, inclusive do próprio material que usa, culpabilizando-o, enfim, pela defasagem que o estudante apresenta dos níveis de leitura e escrita que deveria dominar.

Eis a razão pela qual o material didático veiculado como *Jornal* serviria para solucionar esse problema então detectado pela Secretaria de Educação do Estado mais rico da Federação. Na verdade, a questão é mais delicada e profunda, pois não há como negar que essa situação seja resultado negativo dos anos em que se vive sob a ditadura

subjetiva do “aprender a aprender”, discurso diretor das políticas públicas para a Educação no Estado de São Paulo.

## BIBLIOGRAFIA

DEZOTTI, M. C. C. *A fábula esópica anônima: uma contribuição ao estudo dos atos de fábula*. 1988. 212 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP, Araraquara.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. Brasília / São Paulo: Editora da Universidade de Brasília / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. 214 p.

DUARTE, Newton. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* Campinas: Autores Associados, 2003.

ESOPO. *Fábulas*. Trad. Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FIORIN, J. L. *Millôr e a destruição da fábula*. In: **Alfa**, São Paulo, v. 30/31, p. 85-94, 1986/87.

LANDEIRA, J. L.; MATEOS, J. H.. *Língua Portuguesa e Literatura*. In: *Jornal do Aluno / 1ª. Série – ensino médio*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. p. 3-8 (48 p.).

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

SOSSOLOTE, Cássia Regina Coutinho. *A recepção do discurso alegórico da fábula*. 2002. 428 f. Tese (Doutorado em Linguística) – UNESP, Araraquara (2 Vol.).